

Preto no branco? Resgate histórico em maquete de um navio negreiro.

William Molinos Lopes <sup>1</sup>

Caroline Saraiva Flôres <sup>2</sup>

André Luis Ramos Soares <sup>3</sup>

O estudo que envolve a escravidão negra ao longo dos anos e todo seu desenvolvimento no pensamento vigente e na história do Brasil merece grande destaque e saliência, visto que a gama de informações que podem ser levantadas é gigantesca, e conseqüentemente a partir destas, proporcionar discussões muito sucintas e interessantes que venham a esclarecer e nos mostrar realmente, sem mascaramentos, o que foi a escravidão negra brasileira e quais seus reflexos nos dias de hoje.

Ela por si só já remete a muitas discussões e estudos que nos proporcionam um conhecimento e um crescimento histórico fantásticos, visto que são inúmeros os ramos que desencadeiam e dão origem a tal processo, e que têm importância dentro da historiografia brasileira.

O tráfico de escravos, por exemplo, com seu caráter de fornecimento de mão de obra para o novo mundo que então surgia e as desumanas condições de transporte a que eram expostos os negros, o trabalho compulsório nas fazendas de açúcar e nas minas de metais preciosos, gerando muitas riquezas aos senhores e nenhum direito ao verdadeiro trabalhador, a abolição e a famosa Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel com seu caráter extremamente político, e o incrível, e ao mesmo tempo repugnante, esquecimento desta história, que hoje vivenciamos, sem ao menos saber que foi uma das principais, senão a principal dentre as que conhecemos.

Para entender um assunto tão linear e ao mesmo tempo tão inconstante perante aos nossos leigos olhos, como foi a escravidão do negro africano em terras brasileiras, há a necessidade de um estudo profundo e detalhado sobre o processo que levou ao grande encontro das raças (termo este já derrubado nas discussões atuais) que hoje formam e dão continuidade aos nossos legados raciais no país.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do 5º semestre do Curso de História da UFSM, bolsista PROLICEN, autor do trabalho.

<sup>2</sup> Acadêmica do 9º semestre do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSM, bolsista PROLICEN, co-autora do trabalho.

<sup>3</sup> Professor doutor do Departamento de História da UFSM, coordenador do NEP, orientador do projeto.

São muitas cores e credos convivendo diariamente em nosso país. Índios, negros, brancos, amarelos, entre outros, formam esta diversidade cultural e por consequência, muitas miscigenações, que são o exemplo claro das diversas raízes que moldaram nosso país durante mais de 500 anos de História Nacional.

Todos eles fazem parte de um patamar onde a cor da pele é apenas mais um diferencial entre ambos. Mas se trata de um diferencial discutível, visto que justamente é a cor que determina em muitos destes casos a condição social do indivíduo brasileiro. A questão da origem desta miscigenação é a verdadeira geradora dos grandes estudos a respeito do assunto.

Logo, remetemos diretamente a uma relação em que tanto os portugueses (e eu cito o português como exemplo de homem branco, pois foi justamente este que teve um contato direto com nossos índios ao “acharem” o Brasil há mais de 500 anos) como africanos, possuíram e ainda possuem laços que podem explicar suas histórias e a grande importância para o que hoje conhecemos simplesmente por “homem brasileiro”.

No Rio Grande do Sul, encontramos diversas etnias convivendo diariamente como os italianos, alemães, poloneses e portugueses. Todos têm sua cultura e todos têm sua valorização muito forte e com traços bem delineados em nossa história. O que é de se ressaltar, lembrar e principalmente alertar, é que tanto em nosso estado, como em boa parte do país, não há uma valorização necessária para uma cultura que foi de suma importância para a formação do patamar de uma identidade nacional forte e coesa que é a que conhecemos hoje, como a cultura negra.

No Brasil, por exemplo, segundo dados do último IBGE, a população negra brasileira ultrapassa os 45% e é inadmissível que não haja uma valorização da cultura afro-brasileira e suas ramificações na nossa identidade nacional.

Esta história negra tem que ser vista por nós brasileiros, como um *bem cultural* de suma importância, que segundo MACHADO “é todo aquele vestígio da ação humana que possui uma significação cultural.” (MACHADO, Educação Patrimonial: Orientações para Professores do ensino Fundamental e Médio; 2004; página 14).

Partindo deste ponto a significação cultural só vem com a devida valorização e aceitação da história perante a atualidade. Sendo assim, a Educação Patrimonial, através do Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória da Universidade Federal de Santa Maria (NEP – UFSM), tenta expor e resolver tal situação de esquecimento que a História Afro sofre no Brasil através do trabalho “Preto no branco? Resgate histórico em maquete de um navio negreiro”. A partir dos temas abordados neste trabalho, procura-se ligar a escola, a criança e a valorização da história negra, já que o educando em sala de aula se torna um importante

participante deste processo de valorização da história negra, justamente por ser muitas vezes um cidadão sem idéias já fechadas e firmadas a respeito do que se deve valorizar.

Facilitando o aprendizado de maneira dinâmica, foi construído pelo NEP – UFSM uma maquete de um navio negreiro, onde são retratadas as condições do negro ao serem transportados para as fazendas de cana de açúcar, minas e canaviais brasileiros.

Busca-se também através deste objeto gerador, dar luz a muitas discussões que caibam na temática a ser exposta, como por exemplo, o racismo, cultura afro, história mercantil, temáticas escravistas, não se limitando somente a exposições de como eram os transportes desumanos dos negros africanos.

A educação patrimonial já tem, por si só, a característica de ser um instrumento de muito valor para o trabalho pedagógico dentro e fora da escola. Para se conseguir os objetivos propostos no campo da educação sobre o patrimônio cultural, que no caso o trabalhado por nós é a cultura negra, é importante que se faça um treinamento com os agentes que irão desenvolver este trabalho nas escolas, como professores e orientadores.

É aí justamente que a Educação Patrimonial tem seu papel fundamental, dando ao educando e ao educador, e não somente a estes, como também aos demais cidadãos, uma possibilidade de formação cultural, proporcionando uma aproximação com os elos de sua história, até então desvalorizados. Sobre tal forma de trabalho e sua metodologia, HORTA afirma:

“A educação patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e proporcionando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.”<sup>4</sup> (página 24)

## **A maquete e seu viés educacional**

A maquete então, como facilitadora da compreensão educacional, tentará retratar as condições absurdas de como o negro era tratado ao vir para o Brasil e de como o descaso com o ser humano pode atingir níveis tão altos, ao ponto de serem equiparados a animais, que podem ser carregados aos montes em porões sujos e podres de navios.

É de grande importância a aplicação destas na área de educação, porque revelam uma capacidade muito rica de produção e transmissão de conhecimento, ao mesmo tempo em

---

<sup>4</sup> HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz; Guia Básico de Educação Patrimonial. Museu imperial, Rio de Janeiro, 1999.

que tornam mais dinâmicas as relações entre corpo discente e corpo docente. Evidentemente, esses instrumentos lúdicos não abrangem toda a complexidade que envolve o processo educativo, mas podem contribuir para melhorar e facilitar a aprendizagem.

Na transmissão de conhecimento, as maquetes proporcionam uma visualização mais concreta de acontecimentos históricos, tipologias arquitetônicas, acidentes geográficos, fenômenos climáticos e ambientais, entre outros. Elas desempenham um papel importante enquanto instrumento de representação do espaço, pois, ao reproduzir tridimensionalmente elementos que os desenhos bidimensionais não são capazes de explicitar, tornam-se muito eficazes para a compreensão das proporções e das diversas relações que ocorrem em determinado local. Assim, esses instrumentos de apoio à aprendizagem, quando adequadamente aplicados, elevam o grau de compreensão e a apreensão de conhecimento por parte dos educandos. Estes podem também, dessa forma, aliar sua capacidade intuitiva a uma habilidade intelectual e reflexiva.

Entende-se por maquete uma representação tridimensional real, em escala exata ou aproximada (utilizando-se redução ou ampliação do objeto real), com funções, objetivos, materiais, acabamentos e características as mais variadas. Estas representações são utilizadas quando se necessita da realização física concreta no espaço de algum conceito ou alguma noção prévia surgida de sua elaboração intelectual, com a finalidade de auto-esclarecimento ou comunicação.

Uma maquete completa, em relação ao sítio, deve reproduzir o terreno, área ou região onde está ou será inserido o projeto, levando-se em consideração que esse local é formado por elementos como relevo, vegetação, áreas de circulação, acessos, limites, etc. Em relação à arquitetura, devem reproduzir de forma precisa todos os detalhes da edificação em questão, com a preocupação de representar suas fachadas e cobertura (quando se limita a mostrar detalhes externos) ou ainda os compartimentos e suas funções (quando, além do exterior, mostra os detalhes internos). Ainda, para uma correta apresentação, há preocupação com tratamento de superfícies, representação dos tipos de vegetação e de pavimentação.

É de suma importância, para a confecção de uma maquete, a utilização de uma escala apropriada, que é a relação de dimensões entre o objeto real e o objeto representado, fazendo-se válida a utilização de elementos que auxiliem na sua percepção, como calungas, automóveis e mobiliário urbano. Os calungas (personagens que compõem a maquete) são usados para humanizar esses projetos e ajudam ter uma idéia de proporções ou “escala humana”.

As maquetes devem apresentar metodologia, planejamento e destreza técnica nas escolhas de linguagem, escala, grau de detalhamentos, materiais e técnicas construtivas, cores e

texturas, solução ergonômica, dimensões e outras características físicas, componentes sensoriais e assim por diante. Isso tudo em função de um entendimento conceitual, estético e funcional, bem como do nível de envolvimento do observador.

Para a confecção de uma maquete, é necessário inicialmente fazer um estudo bibliográfico a respeito do tema e do período histórico a ser registrado. Textos explicativos (contendo fatos históricos, datas, descrição das personagens e dos ambientes onde ocorrem os fatos, etc.) e imagens diversas (mapas, desenhos, croquis, fotografias, etc.) são materiais bastante importantes para a conformação de um suporte teórico. Tendo em mãos este suporte, podem-se estipular as dimensões que a maquete tomará ao final do seu processo de confecção, definindo-se em função disto a escala em que deverá ser feita.

A etapa seguinte diz respeito à elaboração, em escala, dos desenhos iniciais para o projeto da maquete, os quais geralmente sofrem algumas alterações no decorrer do processo. Em seguida, faz-se um breve estudo das técnicas e levantamento dos tipos de materiais que poderão ser utilizados, bem como uma previsão da quantidade e custos de aquisição destes.

## **Passos para a confecção do Navio Negreiro**

Após a realização das já referidas etapas, iniciou-se a fase de confecção da maquete deste projeto, uma réplica de navio negreiro que representasse o tráfico de escravos negros africanos para o continente americano, mais especificamente para o Brasil.

1. Utilização de uma garrafa de água mineral de 5 litros como referência ao formato e dimensões que o navio deveria assumir ao final do processo de confecção da maquete.
2. A partir dos desenhos do navio, em escala e feitos em computador, fizeram-se vários moldes em cartolina e em papel Paraná, que foram fixados à garrafa plástica com fita adesiva. Uso de filme transparente de PVC sobre o corpo do navio, executado com os papéis, para a proteção destes.
3. Colocação de ataduras de gesso sobre este filme para dar o formato do casco do navio ao molde. Arremate do molde de gesso com uma camada de massa corrida. Uso de filme transparente de PVC para proteção do molde de gesso e massa corrida.
4. Utilização de fibra de vidro com resina poliuretânica sobre o molde de gesso, conformando o corpo definitivo do navio. Após secagem, retirada do molde de gesso, corte e lixamento final do casco de fibra de vidro.

5. Confeção da parte interior do navio, como andares, compartimentos e suportes.
6. Confeção de mastros de madeira. Costura e acabamento das velas do navio, para instalação junto destes.
7. Confeção da massa de biscuit para fazer os objetos que compõe o navio e, posteriormente, o mar.
8. Construção da caixa de madeira que serve como base para o navio e armazenagem deste.
9. Utilização de lâminas de isopor para dar formato ao oceano, pintura e colocação da massa de biscuit para acabamento.
10. Acabamentos finais.

A intenção do trabalho é mostrar ao educando, público alvo do projeto, que o negro não somente ficou restrito ao navio e suas atrocidades. Que ao desembarcar no Brasil, muito sofreu com a escravidão que lhe foi imposta, e que foi peça chave para a construção do país, culturalmente falando.

Com a maquete, procura-se auxiliar os professores do ensino fundamental e médio com este material de apoio, contribuindo assim para a temática da história regional e agora também nacional. Assim busca-se maior participação do educando, facilitando o aprendizado e proporcionando a assimilação de conhecimento.

Assim, se torna justificável o uso de atividades lúdicas em sala de aula, já que possibilita ao educando uma maior compreensão e visualização do contexto a ser estudado e discutido.

A valorização da história negra e não o seu esquecimento se torna de grande importância para o cidadão brasileiro, em especial para as crianças. Suas ações e sua posição perante o descaso que o negro sofre nos dias de hoje, será de suma importância para o futuro do país, pois a cultura é algo que sobrevive com o tempo e que deve ser sempre valorizada de acordo com o peso que provoca na sociedade.

Lembra HORTA que:

“todas as ações por meio das quais os povos expressam suas forças específicas de ser, constituem a sua cultura, que vai ao longo do tempo adquirindo formas e expressões diferentes. A cultura é um processo eminentemente dinâmico, transmitido de geração, que se aprende com os ancestrais e se cria e recria no cotidiano do presente, na solução dos pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam.”<sup>5</sup> (página 47)

---

<sup>5</sup> HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz; Guia Básico de Educação Patrimonial. Museu imperial, Rio de Janeiro, 1999

Em estudos mais profundos, constatamos que o tráfico de negros africanos para o Brasil foi como uma espécie de marco zero para o começo da escravidão brasileira. Este assunto ainda gera muitas discussões até hoje. Alguns historiadores, por exemplo, afirmam que pela falta de mão de obra no Brasil, foi necessária a vinda dos negros. Outros discordam, afirmando que aqueles, vieram para ocupar o lugar do índio, que não se adaptou ao trabalho que era imposto pelos portugueses. Seria então muito mais uma questão sociocultural do que necessariamente algo ligado à falta de braços.

Sobre esta diferenciação entre negro e índio, e a questão da escravidão muito polêmica, RODRIGUES afirma: “(...) Os negros eram comumente associados aos mouros (muçulmanos), o que justificava sua escravização como infiéis. Quanto aos índios, a Igreja os considerava gentios, ou seja, seres que não possuíam religião, mas eram capazes de ser cristianizados.” (RODRIGUES Jaime, O tráfico de escravos para o Brasil; Editora Ática; História em movimento, São Paulo, 1997; página 15)

Os navios que faziam o transporte, também conhecidos como tumbeiros, devido ao grande número de mortos na viagem, tinham capacidade em média para 300 pessoas.

Lembra também RODRIGUES que:

“Grande parte dos navios era de pequeno porte, pois os locais onde atracavam na África eram rasos demais para embarcações maiores. Apesar de existirem leis regulamentando a capacidade dos barcos desde o século XVI, elas foram frequentemente burladas. Em geral, construía-se um segundo compartimento no porão, para carregar mais africanos e separá-los por idade e sexo. Nesse espaço assim dividido era impossível manter-se em pé”.<sup>6</sup> (página 37)

Em muitos casos se carregavam o dobro de tripulantes, sendo que  $\frac{3}{4}$  da tripulação eram negros. As condições retratadas eram aterrorizantes. A falta de alimentação, o descaso com o saneamento, as torturas aos negros por parte dos brancos, as doenças que assolavam grande parte da tripulação e a falta de estrutura para acomodar todos os escravos, são os mais lembrados.

MATTOSO cita, por exemplo, que:

“Os homens estavam empilhados no porão à cunha, acorrentados por medo de que se revoltassem e matem todos os brancos a bordo. Às mulheres reservava-se a segunda meia-ponte, as grávidas ocupavam a cabine de popa. As crianças apinhavam-se na primeira meia-ponte como arranques num barril. Se tinham sono, caíam uns sobre os outros. Havia sentinas para satisfazerem as necessidades naturais, mas, como muitos temiam perder seus lugares, aliviavam-se onde estavam, em especial os homens, cruelmente comprimidos uns contra os outros. O calor e o mau cheiro tornavam-se insuportáveis.”<sup>7</sup> (página 27)

<sup>6</sup> RODRIGUES Jaime, O tráfico de escravos para o Brasil; Editora Ática; História em movimento, São Paulo, 1997.

<sup>7</sup> MATTOSO, Apud RODRIGUES Jaime, O tráfico de escravos para o Brasil; Editora Ática; História em movimento, São Paulo, 1997.

Sendo assim, são diversas as justificativas para um trabalho como este que é feito por nós do NEP como, por exemplo, a lei 10.639 que inclui a temática afro-brasileira no currículo escolar a questão das cotas universitárias para negros e o racismo disfarçado que vive o Brasil.

Além de proporcionar um conhecimento aos educandos de um assunto tão delicado como foi o tráfico de escravos, o NEP vem através deste, tentar abranger pela imagem do navio a submissão do negro perante o dito “superior” homem branco.

## Anexos



Imagem 1: Confeção do casco do navio em fibra de vidro e resina poliuretânica.  
Foto: Caroline Saraiva Flôres.

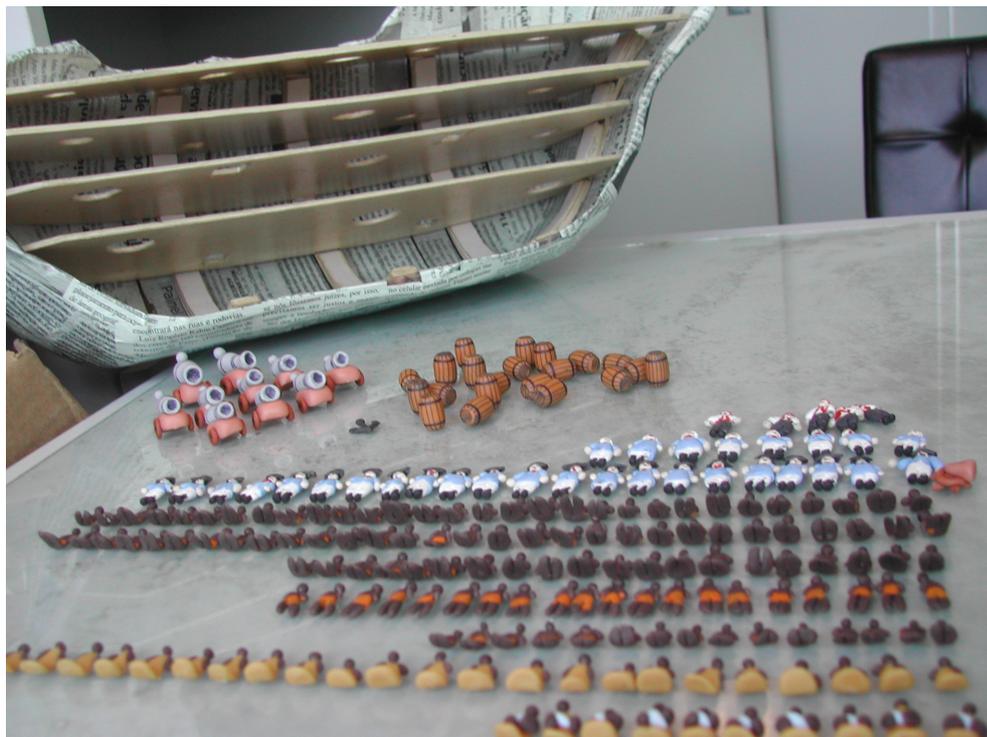


Imagem 2: Tripulação em biscoito e navio pré-pronto ao fundo.  
Foto: William Molinos Lopes.



Imagem 3: Pintura do casco do navio com tinta PVA.  
Foto: André Luis Ramos Soares.

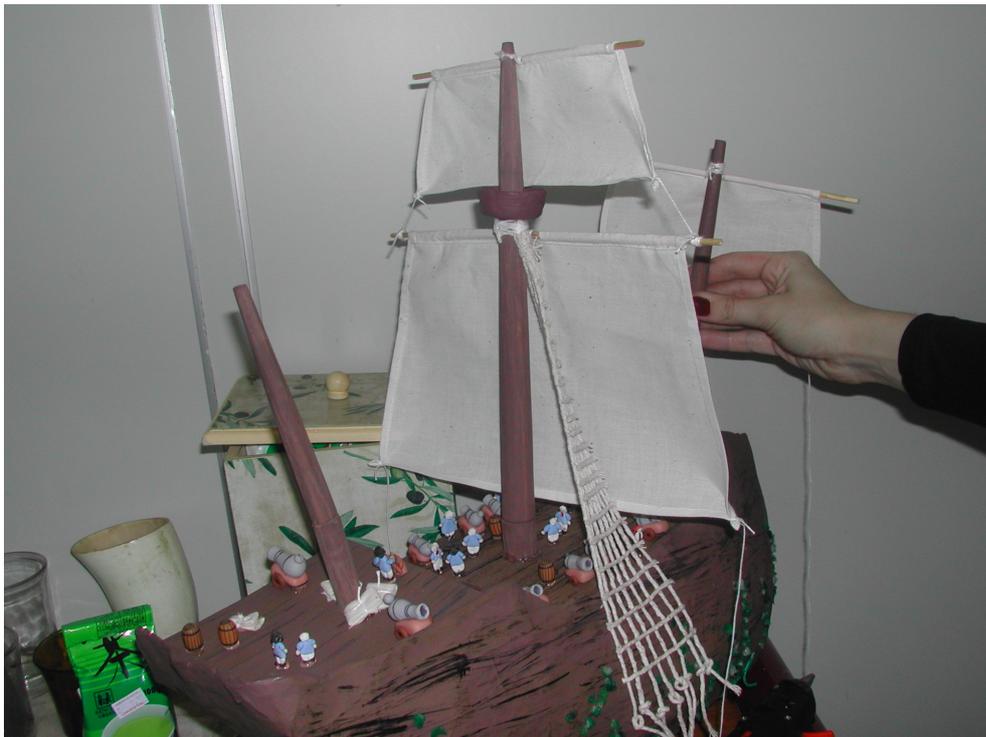


Imagem 4: Acabamentos finais, montagem dos mastros e velas do navio.  
Foto: William Molinos Lopes.



Imagem 5: Navio negreiro finalizado.

Foto: Caroline Saraiva Flôres.

### **Referências bibliográficas**

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz.

**Guia Básico de Educação Patrimonial.** Museu imperial. Rio de Janeiro, 1999.

MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. **Educação Patrimonial: Orientações para Professores do Ensino Fundamental e Médio.** Maneco Livraria & Editora. Caxias do Sul, 2004. Página 14.

RODRIGUES Jaime. **O tráfico de escravos para o Brasil.** Editora Ática; História em movimento. São Paulo, 1997.

MATTOSO, Apud RODRIGUES Jaime. **O tráfico de escravos para o Brasil.** Editora Ática; História em movimento. São Paulo, 1997.